

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
ELIZANDRO RODRIGUES DE RODRIGUES

**ESTRANGEIRISMOS COMO MARCAS DO REGIONAL NA
LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: REGIONALISMO SOB
OUTRA ÓTICA**

Jaguarão

2011

ELIZANDRO RODRIGUES DE RODRIGUES

**ESTRANGEIRISMOS COMO MARCAS DO REGIONAL NA
LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: REGIONALISMO SOB
OUTRA ÓTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do diploma de licenciado em Letras – Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Garcia Rizzon

Jaguarão
2011

ELIZANDRO RODRIGUES DE RODRIGUES

**ESTRANGEIRISMOS COMO MARCAS DO REGIONAL NA
LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: REGIONALISMO SOB
OUTRA ÓTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para obtenção
do diploma de licenciado em Letras –
Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12 de julho de 2011.
Banca Examinadora:

Prof. Ms. Carlos Garcia Rizzon
Orientador
Letras – UNIPAMPA

Prof. Dr. Luis Fernando da Rosa Marozo
Letras – UNIPAMPA

Prof. Ms. Sandro Martins Costa Mendes
Letras – UNIPAMPA

Dedico este trabalho aos meus amados pais,
Luiz Carlos e Marinalva, maiores
incentivadores e fontes inesgotáveis de apoio,
amor e compreensão.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Ms. Carlos Garcia Rizzon, pela orientação e pelo apoio na realização deste trabalho, pois a tarefa de concretizar a realização deste seria mais difícil sem suas contribuições.

Aos professores da área da Literatura da UNIPAMPA, em especial ao Prof. Dr. Luis Fernando da Rosa Marozo e à Prof^a. Ms. Cristina Cardoso, os quais, juntamente com o Prof. Ms. Carlos Garcia Rizzon, contribuíram para que eu me identificasse com a área da literatura, fazendo com que eu gostasse e direcionasse meu olhar para esta área do conhecimento.

À Prof^a. Dr^a. Renata Silveira da Silva, pelo auxílio, pela atenção e pela disponibilidade nas etapas de produção e formatação deste trabalho.

Aos demais professores de Letras, minha gratidão pela forma de conduzir o curso em todas as etapas.

Às minhas colegas Lucimar Pimentel de Souza e Flávia Rejane Neves Corrêa de Mello Barboza, pela generosa amizade e pelas ocasiões em que se puderam proporcionar discussões em torno dos trabalhos e das práticas.

A todos os demais colegas, pessoas queridas, pelos momentos de reflexão, conhecimento e amizade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O REGIONALISMO EM ANÁLISE: DAS VANGUARDAS À CONTEMPORANEIDADE E SUAS TENDÊNCIAS.....	12
2.1 O Regionalismo Diante das Vanguardas	12
2.2 O Regionalismo em meio a Contemporaneidade.....	21
2.3 Regionalismo: Tendências.....	30
3. A VISÃO LIMITADA DA CRÍTICA LITERÁRIA TRADICIONAL.....	32
REFERÊNCIAS	41

RESUMO

O presente trabalho procura fazer uma análise inicial de como se dá o uso de estrangeirismos em obras regionais sul-rio-grandenses, tendo por base a visão de Borges (1957), o qual defende que uma obra, para falar de um determinado lugar, não necessita ressaltar a cor local de forma única e excessiva, que o autor, no momento de produção, pode usar-se de referências externas para caracterizar o ambiente em que se situam as narrativas. Vemos a importância de analisar esses fenômenos devido à crítica literária tradicional não dar enfoque a esta abordagem, pois o regionalismo, para ela, caracteriza-se por elementos próprios de um lugar, restrito e delimitado. Para realizar tal abordagem, primeiramente fazemos uma leitura de “Memórias do Coronel Falcão”, de Aureliano de Figueiredo Pinto, obra regionalista escrita em 1936, em meio ao movimento pós-vanguardista e uma leitura de “As Cartas do Domador”, folhetim de Tabajara Ruas publicado no Portal Terra Magazine, um sítio da Internet, em 2006. Em seguida, mostramos brevemente como se dá a tendência do uso de tais referências nas obras regionais a serem publicadas, ressaltando alguns fenômenos encontrados em “Don Amado”, capítulo do livro “Figura na Sombra”, romance de Luiz Antonio de Assis Brasil, que será publicado em 2012. Por último, fazemos uma confrontação teórica, em que é enfatizada a limitação visionária da crítica literária tradicional perante o regionalismo.

Palavras-chave: Estrangeirismos. Regional. Universal.

RESUMEN

El presente trabajo procura hacer un análisis inicial de cómo se da el uso de extranjerismos en obras regionales riograndenses, teniendo por base la visión de Borges (1957), el cual defiende que una obra, para hablar de un determinado lugar, no necesita resaltar el color local de forma única y excesiva, que el autor, en el momento de producción, puede usarse de referencias externas para caracterizar el ambiente en que se sitúan las narrativas. Vemos la importancia de analizar esos fenómenos debido a la crítica literaria tradicional no dar énfasis a esta abordaje, pues el regionalismo, para ella, caracteriza-se por elementos propios de un lugar, restringido e delimitado. Para realizar esa abordaje, primeramente hacemos una lectura de “Memórias do Coronel Falcão”, de Aureliano de Figueiredo Pinto, obra regionalista escrita en 1936, en medio al movimiento pos vanguardista y una lectura de “As Cartas do Domador”, folletín de Tabajara Ruas publicado en el Portal Terra Magazine, un sitio de la Internet, en 2006. En seguida, mostramos brevemente como se da la tendencia del uso de tales referencias en las obras regionales que van a ser publicadas, resaltando algunos fenómenos encontrados en “Don Amado”, capítulo del libro “Figura na Sombra”, novela de Luiz Antonio de Assis Brasil, que será publicada en 2012. Por último, hacemos una confrontación teórica, en que es enfatizada la limitación visionaria de la crítica literaria tradicional acerca del regionalismo.

Palabras clave: Extranjerismos. Regional. Universal.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve início com a leitura de “El Escritor Argentino y La Tradición”, de Jorge Luis Borges (1957), quando ele defende que uma obra, para ser argentina, não necessita ressaltar a cor local de forma única e excessiva, que pode possuir referências externas, aqui entendidas como estrangeirismos, e continuar sendo de caráter regional. Machado de Assis também defendia a não necessidade do uso da cor local, quase um século antes de Borges escrever o citado trabalho, no ensaio “Instinto de Nacionalidade”. Nele, aponta que

há também uma parte da poesia que, justamente preocupada com a cor local, cai muitas vezes numa funesta ilusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto (ASSIS, 1999, p. 30-1).

Tendo as visões de Jorge Luis Borges e Machado de Assis, faz-se uso delas de modo a tê-las como embasamento para esta abordagem, partindo da hipótese de que a presença de estrangeirismos em obras regionais não diminui o valor destas, que estes, ao contrário, reforçam ainda mais a sua regionalidade.

Vê-se a importância de analisar os estrangeirismos devido à crítica literária tradicional não dar enfoque a esta abordagem, pois o regionalismo, para ela, caracteriza-se por elementos próprios de um lugar, restrito e delimitado. Vê-se necessidade, também, devido ao contexto em que nos encontramos, a fronteira, onde há choques de culturas em diversos níveis. Por fim, essa precisão é vista devido a, atualmente, haver maior integração cultural e encurtamento das distâncias, o que ocasiona maior contato entre culturas diferentes, sendo que este fato se reflete na produção literária de distintas formas.

Para realizar tal análise em torno dos estrangeirismos, utilizamos duas obras literárias regionalistas, sendo uma delas “Memórias do Coronel Falcão”, de Aureliano de Figueiredo Pinto, publicada pela primeira vez em 1973 e escrita entre 1936 e 1937, em meio a uma tensa e conturbada situação político-literária, devido à implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas e pelas discussões geradas pelas vanguardas literárias, buscando uma quebra / ruptura com os padrões estéticos de produção. Em síntese, o livro trata da história de um coronel que se enclausurou em sua estância e no cotidiano que esta o levava a seu encontro, que o encarcerou ao convívio com os animais, empregados e as atividades rotineiras de seus pagos, até o momento em que uma comitiva da cidade vai a seu encontro e o propõe assumir o

comando político de sua cidade, exercendo o cargo de prefeito, fato que o motiva a contar as suas memórias e entrar numa tensa relação entre presente, passado e futuro.

A outra obra a ser trabalhada é “As Cartas do Domador”, do escritor Tabajara Ruas, que por sua vez foi publicada em 2006 na forma de folhetins no Portal Terra Magazine, um sítio da Internet, a qual conta os fatos ocorridos com o General Antônio de Souza Netto, quando ainda coronel, no momento que antecede a Revolução Farroupilha, bem como a busca do Índio Torres realizada por parte do general, índio este que era exímio domador de cavalos, devido a querer incorporá-lo às tropas rio-grandenses, que estavam se compondo a fim de fazer o que culminaria na revolução. Além de contar a história destes dois personagens, traz ainda a de “negrinho”, escravo da fazenda do Barão de Aceguá, o qual sempre concorre pelo patrão nas corridas de cavalos em cancha reta, sendo vitorioso em todas, exceto numa delas, a que é narrada no livro. Os três personagens aqui apontados formam um tripé que irá se desenvolver durante toda a narrativa, havendo encontros e desencontros entre eles. É importante destacar que o personagem “negrinho” aparece, em relação aos outros dois presentes na narrativa, de forma a contextualizar o espaço em que ela está se passando. Em suma, ele é um elemento que metaforiza a imagem de “lugar”, aproximando os outros dois, Netto e Índio Torres, ao ideário proposto pelo autor.

Tendo as duas obras regionalistas acima destacadas, procuraremos, em um primeiro momento, realizar uma análise de “Memórias do Coronel Falcão” e, logo em seguida, uma apreciação de “As Cartas do Domador”, explicitando como se dá a utilização de estrangeirismos na composição delas, apontando quando estes empregos as aproximam do regional e quando dialogam com o universal, tendo como base a perspectiva teórica regionalista. Após as abordagens realizadas em torno dos dois livros, se fará um comentário direcionado às tendências que as produções regionais tomam na contemporaneidade, quando se apreciará “Don Amado”, trecho do romance “Figura na Sombra”, do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, que será lançado em 2012. Finalizando o trabalho, nos direcionaremos às considerações finais, abordando a contraposição entre a crítica literária tradicional e contemporânea, através de uma confrontação teórica, quando será enfatizada a visão limitada da crítica tradicional diante do regionalismo.

Formando o corpo teórico base para essa análise, traz-se inicialmente a visão de Lúcia Miguel-Pereira, com seu livro “Prosa de Ficção (1870-1920)”, em que a autora nos traz um panorama do pensamento que a crítica literária de sua época tinha a respeito do regionalismo. Logo em seguida, temos o olhar de Nelson Werneck Sodré, em sua “História da Literatura Brasileira”, trabalho no qual ele escreve um capítulo dedicado ao regionalismo, traçando uma

crítica na mesma linha ideológica de Miguel-Pereira. Mais adiante, trazemos a visão de Ángel Rama, em “Transculturación Narrativa en América Latina”, obra onde o escritor e crítico literário uruguaio desenvolve o conceito de “transculturação narrativa” através de uma visão do panorama de produção literária latino-americana e de uma crítica reflexiva e histórico-cultural da literatura no continente desde os seus primórdios de produção. Traz-se também para este trabalho, como já apontado no princípio desta introdução, o escritor Jorge Luis Borges, com sua publicação “El Escritor Argentino y la Tradición”, em que o autor faz uma reflexão em torno da produção literária realizada na Argentina até sua época, fazendo questionamentos direcionados à nacionalidade literária destas publicações, ou seja, até onde a literatura da época ia ao regional e até onde esta produção que deixava de ser regionalista perdia seu caráter nacional.

Após o panorama de Borges, trazem-se para este estudo três publicações de Léa Masina. Em primeiro lugar, “Alcides Maya, Cyro Martins e Sérgio Faraco: Tradição e Representações do Regional na Literatura Gaúcha de Fronteiras”, trabalho no qual a autora faz uma abordagem sobre o regionalismo tendo como aporte a obra dos três escritores citados no título do seu trabalho, os quais compõem uma trajetória de gerações literárias. A partir disso, ela faz apontamentos direcionados à questão fronteiriça, vista através da ficção. Em segundo lugar, traz-se o trabalho intitulado “Regionalismo Étnico no Rio Grande do Sul: Síntese de uma Proposta Conceitual”, texto no qual ela defende que o espaço determinado na literatura não pode ser visto unicamente de forma geográfica, que este é um lugar múltiplo, poroso; nisso, ela traça um panorama da crítica literária regionalista, defendendo que a produção local deveria abarcar as diferentes etnias que ajudaram a compor o Estado, dentre elas a alemã e a italiana, multiplicando-se “na tensa relação com um imaginário já existente e dominante”, trazendo junto a isso autores oriundos de diferentes colonizações, dentre eles Fernando Neubarth e Charles Kiefer, ambos de origem alemã, e José Clemente Pozzenatto, de origem italiana. Em terceiro lugar, “Netto Perde a Sua Alma, de Tabajara Ruas: Identidade Fronteiriça e Intervocalidade”, apreciação na qual a autora faz uma análise da obra citada em seu título direcionada à problemática questão tradutória, trazendo apontamentos em torno da linguagem de fronteira e sua relação com a identidade, bem como realiza uma abordagem em torno do entrelaçamento da literatura com a história, contribuições as quais complementam as reflexões realizadas na análise da obra “As Cartas do Domador”, de Tabajara Ruas.

Por último, trazemos duas outras autoras contemporâneas que também fazem abordagens em torno do regionalismo. São elas Lígia Chiappini, com o texto “Do Beco Ao Belo: Dez Teses Sobre o Regionalismo na Literatura”, publicado na revista “Estudos

Históricos”, de 1995, no qual faz um levantamento sobre as vertentes regionalistas existentes e os rumos que estas irão tomar; e Denise Mallmann Vallerius, com seu livro “Borges em Nova Tradução: Regionalismo para Além das Fronteiras”, trabalho no qual a autora repensa o modo de produção, publicação e tradução literária, tendo como base a obra de Jorge Luis Borges, amparada numa crítica enfocada na problemática relação entre o regionalismo e a contemporaneidade. Desta autora, utilizaremos, em específico, o capítulo “Da Recepção Literária: aspectos determinantes de escolhas tradutórias”, no qual ela faz uma abordagem aprofundada em torno do regionalismo, trazendo com isso o direcionamento tomado por essas produções na contemporaneidade. Devido ao foco do nosso trabalho, nos deteremos mais no tópico “Regionalismo: Permanência e Renovação”, visto que é neste em que mais é afluída essa concepção por parte da autora.

2 O REGIONALISMO EM ANÁLISE: DAS VANGUARDAS À CONTEMPORANEIDADE E SUAS TENDÊNCIAS

Denise Mallmann Vallerius afirma que “falar do local valendo-se de modelos externos foi um procedimento necessário para o amadurecimento da nossa literatura” (2010, p. 203). Com base nisso, analisaremos neste capítulo as duas obras regionalistas propostas inicialmente, uma delas escrita logo em seguida às vanguardas e ao movimento modernista, a outra em um momento contemporâneo, procurando investigar o uso de tais remissões ao estrangeiro. Após a realização de suas análises, traremos um capítulo dedicado à tendência das obras regionalistas na pós-modernidade, quando faremos uma breve explanação em torno de um trecho de romance regionalista, o qual será publicado posteriormente.

2.1 O Regionalismo Diante das Vanguardas

“Memórias do Coronel Falcão” é uma obra do escritor tupanciretanense Aureliano de Figueiredo Pinto, escrito entre 1936 e 1937, em plena época de unificação nacional, com implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas¹ e em meio a divergências literárias, pois a literatura brasileira da época ainda respirava o ar das Vanguardas, iniciadas com a Semana de 22 e que repudiavam os estilos regionalistas, considerado por alguns dos pensadores e críticos desta época como “velha praga”, entre eles Mário de Andrade, o qual afirma, em 1928, que

[...] o regionalismo, esse não adianta nada nem para a consciência de nacionalidade. Antes a conspurca e depaupera, lhe estreitando por demais o campo da manifestação e por isso a realidade. O regionalismo é uma praga antinacional. Tão praga quanto imitar a música italiana ou ser influenciado pelo estilo português (ANDRADE² apud Schwartz, 1995, p. 484).

Havendo esses movimentos político-literários, esta obra surge com o intuito de focar esse estilo repudiado por alguns e retratar a vida de um fazendeiro, um senhor letrado, dono de estância, sua vida no campo e o cuidado com suas terras, bois, campos e empregados, quando um dia lhe surge uma comitiva de moradores e pessoas influentes da região em sua sede da estância e lhe invita a participar da vida política dali, candidatando-se a prefeito.

¹ Vide “Era Vargas – Estado Novo (1937-1945)”. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historiab/vargas.htm>>. Acesso em 29 mai. 2011.

² ANDRADE, Mário de. Regionalismo. In: **Diário Nacional**, São Paulo, 14 fev. 1928.

Eis que, a partir daí, o leitor surpreende-se com este fazendeiro, o qual é narrador-personagem: em meio às tensões que passam em sua cabeça e a indecisão entre seguir na vida cotidiana de seus pagos ou ingressar na carreira política, começa a pôr na mesa o seu momento presente, o rumo que este irá tomar e a experiência adquirida com a sua vivência até ali, surgindo desse conflito as suas memórias, as quais, a partir desse ponto de incerteza, confronto e indecisão começam a tomar as formas de uma narrativa, onde o leitor o descobre.

E o descobre através de várias faces: resalto uma delas, a linguagem, meio pelo qual ele transmite suas memórias a quem as lê; e, nesse diálogo com o leitor, é que surgem as nuances, os estilos próprios, as figuras e desenhos, fazendo com que esses elementos tomem formas peculiares na mente de quem está lendo. Nisso, chega-se ao ponto em que essa forma de expressão adotada pelo autor não é usada por si só, percebe-se que ela tem uma característica própria, a qual muitas vezes restringe o público a quem se está falando: e é nessa ampliação linguística proporcionada pelo escritor que este trabalho embasa-se para realizar sua análise.

Análise esta que, como já abordado na introdução, tratará da linguagem na forma de estrangeirismos, ou seja, expressões ou remissões a elementos que não são próprios do lugar onde a narrativa se ambienta. Particularmente, o livro do escritor Aureliano de Figueiredo Pinto possui muitas dessas ocorrências. E é a partir da investigação de suas utilizações que este trabalho tem sua consistência.

A utilização dos estrangeirismos pode ser percebida logo que se inicia a obra, no primeiro capítulo, com um “– Cayó el velo! / – Cayó la felpa!” (p. 20). O uso de espanholismos, na forma de versos da literatura popular, empregados na narrativa em forma corrente, sem grifo de diferenciação em relação ao restante do texto, demarca não apenas um indício de popularidade pela forma como são apresentados, mas também por causa da utilização das formas em espanhol, empregadas como algo próprio do lugar, visto que, apesar de a narrativa não se passar ambientada em um local de fronteira política, encontra-se presente em uma zona de forte hibridação linguística entre o português e o espanhol, fator este que será mais bem detalhado no decorrer desta análise. Vale salientar que, de acordo com o prefácio da edição em análise, item 3, “os grifos são os da edição original” (p. 15). Evido a isso, cada uma das falas vem apenas introduzida por travessões.

Mais adiante, ainda na mesma página, o autor utiliza-se de uma mescla linguística. Ao invés de apresentar o substantivo com marcação sufixal de diminutivo “negrinho”, ele utiliza-se da forma “negrito”, em “E o negrito fuzila as escleróticas alvas no retinto do rosto reluzente a suar.” (p. 20), palavra a qual sofre influência do espanhol (-ito, sufixo utilizado

neste idioma para a marcação de diminutivo). A escolha pela utilização desta forma mesclada representa uma característica da região em que se encontra narrada a história, bem como um dos indícios de representação da fronteira que aparecem na obra. Chama-se a atenção para o fato de que esta palavra não aparece com nenhum grifo sequer, sendo apresentada do mesmo modo que o texto corrente.

Apesar de haver essa ocorrência, é necessário alertar para o fato de que palavras derivadas do mesmo radical apresentado acima, no decorrer da leitura da obra, não sofrem igual processo. Como exemplo, podemos citar “Qualquer negra já teria laçado, em grande estilo, a vaca.” (p. 30), e “Pretonas gordanchudas e negrinhas recém abotoando a flor do sexo, uniformizadas de um terrível azul de mar africano, sobrando excessivos calcanhares das chinelinhas de pompom, iam e vinham acolitando a cerimônia trazendo o cafezinho, o licor, o mate amargo...” (p. 33), onde se encontram as palavras “negra” e “negrinha”, respectivamente, referindo-se em específico a um grupo étnico. Diferentemente do caso ocorrido no parágrafo anterior, em que há uma fusão de dois idiomas, não aparecem mesclas nessas palavras, pois “negra” é uma substantivo primitivo, o qual não possui derivação, e “negrinha”, por sua vez, é uma palavra que sofre processo de derivação sufixal, onde (negr-) é o radical e (-inha) é o sufixo de marcação de diminutivo, ambos próprios da língua portuguesa.

O que pode nos ocorrer, tendo em vista a presença da palavra “pretonas” (a qual também faz referência a um grupo étnico em específico), na mesma frase da ocorrência da palavra “negrinha”, que o caso apresentado anteriormente (a existência de “negra”) nos dá margem a lançar mão da hipótese de que esta pode se encontrar na narrativa sendo utilizada tanto em português como em espanhol, visto que há esta palavra nos dois idiomas e lhe é atribuído igual significado, o de referenciar-se a determinado grupo étnico. Além dos casos apresentados acima, chama-se a atenção para a frase “O negrinho estaqueou os olhos no chão, úmidos de lágrimas.” (p. 45), onde a palavra “negrinho”, por sua vez, apresenta marcação de diminutivo própria da língua portuguesa, ao contrário da fusão idiomática apresentada inicialmente, e, assim como a primeira (“negrito”), não vem apresentada com nenhuma marcação simbólica ou grafia diferenciada em relação ao texto corrente, o que não faz com que a palavra que sofre esse processo de mescla perca seu valor perante esta, pelo contrário, a presença das duas formas, somadas aos casos paralelos também apresentados, reforça ainda mais a hibridiz linguística aqui analisada. Nas condições em que aparecem todos os cinco casos aqui destacados, vê-se que a utilização desses substantivos pelo autor não é feita de

modo a acentuar diferenças, e sim espontânea, o que reforça a ideia de uma presença fronteiriça, tanto em nível linguístico quanto cultural.

Ainda vale salientar que as duas palavras, “negrito” e “negrinho”, nas duas ocasiões em que foram destacadas, referem-se ao mesmo personagem, “Don Periquito”, afilhado do Coronel Falcão, o que reforça ainda mais a espontaneidade. É pertinente afirmar que a forma como são colocadas todas as palavras analisadas e destacadas no discurso de Aureliano deve-se também ao contexto histórico em que o escritor e a narrativa se encontravam, pois a população negra, nesta época, estava vivendo entre o desprendimento dos grilhões da escravidão, a integração dessa classe como parte do conglomerado social brasileiro e o seu firmamento civil na sociedade.

Levando em consideração a análise realizada acima, o contexto histórico-social em que o livro de Aureliano se insere e a diversidade de significados que os elementos analisados possuem, aponta-se para o fato de haver uma publicação recente da crítica literária Léa Masina, intitulada “Regionalismo Étnico no Rio Grande do Sul: Síntese de uma Proposta Conceitual”, tema que tange a análise realizada, na qual ela propõe uma reflexão sobre o pensamento da crítica literária em relação à etnicidade presente na literatura sul-rio-grandense, quando ela nos traz que “o regionalismo deveria abarcar as contribuições das diferentes etnias advindas das migrações e, assim, multiplicar-se na tensa relação com um imaginário já existente e dominante” e que “o regionalismo sul-rio-grandense equipara-se aos países hispânicos da América, em que diferentes regiões culturais disputaram, por longo tempo, a hegemonia nacional” (MASINA, [s.d.]).

Destaca-se, ainda, nesta apreciação, a utilização de remissões a personagens folclóricos, como na passagem “Onde pulam sacis e assobiam curupiras dos seus 14 anos.” (p. 20), que, ao contrário da obra que será analisada posteriormente, em que aparece durante todo o decorrer dela a presença da lenda do negrinho do pastoreio. Nesta, a lenda de Negrinho se mistura à narrativa e se torna tanto peça fundamental como pano de fundo dos acontecimentos, tanto que o “negrinho” é um personagem não só da lenda, mas também da própria história de Tabajara Ruas. A relação de proximidade do personagem com o folclore e com a região ajuda a contrapor a obra deste autor à aqui analisada, pois as figuras folclóricas presentes em “Memórias do Coronel Falcão” têm origens em outras regiões do Brasil, o que, além de estender as fronteiras desta obra, nos faz buscar o universal. Daí a colocação de Lucia Miguel Pereira, de que “o sentimento local deveria anteceder o nacional, este o continental, que por sua vez, viria antes do universal” (1988, p. 177). A autora pensava o regionalismo em relação dicotômica com o universalismo, não havendo presença de um em outro, onde o

contrário se pode ver através desta análise, pois nesse momento ocorre uma aproximação entre regional e universal. Dentro dessa perspectiva, Ángel Rama nos dá outro olhar sobre as delimitações que a obra pode abranger, quando defende que a produção literária e cultural da América Latina não se detém em seus limites político-geográficos, ou seja, que esta obedece a outras divisões, as quais ele denomina como “Comarcas Culturais”, onde

estas regiones pueden encabalar asimismo diversos países contiguos o recortar dentro de ellos áreas con rasgos comunes, estableciendo así un mapa cuyas fronteras no se ajustan a las de los países independientes. Este segundo mapa latinoamericano es más verdadero que el oficial cuyas fronteras fueron, en el mejor de los casos, determinadas por las viejas divisiones administrativas de la Colonia y, en una cantidad no menor, por los azares de la vida política, nacional o internacional. En este segundo mapa el estado Rio Grande do Sul, brasileño, muestra vínculos mayores con el Uruguay o la región pampeana argentina que con Matto Grosso o el nordeste de su propio país (RAMA, 1989, p. 58).

Tendo como base o que Rama nos traz, entende-se que, devido a essas novas construções e projeções fronteiriças propostas por ele, a zona (ou comarca) cultural em que o Estado do Rio Grande do Sul encontra-se situado tem suas demarcações em área além das compreendidas pela divisão política, fato que favorece a presença de culturas em choque, ocasionando em um reflexo tanto em nível linguístico quanto em nível cultural, como podemos perceber com essa presença destacada, quando é realizada uma inserção de elementos folclóricos provindos de outra comarca.

Mais adiante, o autor da obra em discussão nos traz a frase “A manear, a atender, a pincelar o crivo vermelho dos ‘golpecitos’” (PINTO, 1973, p. 21). Neste trecho, ele começa a nos dar sinais de algo que é muito ocorrente em seu narrar: a mistura, em um mesmo parágrafo ou frase, de uma linguagem rebuscada com uma, por vezes, próxima do popular, atrelando elementos que remetem a uma universalidade linguística ao emprego de palavras ou expressões de outros idiomas. Devido a tal fato, chama-se a atenção para o que nos diz Guilhermino César e que é reiterado por Lea Masina: a presença, na literatura regionalista, de laivos dialetais. De acordo com ela,

Guilhermino Cesar, autor da *História da literatura no Rio Grande do Sul* (1955), costumava referir os *laivos dialetais* que inçam a prosa dos escritores gaúchos. Referia-se à apropriações fonéticas, aos castelhanismos e às trocas intervocabulares e sintáticas que compõem o *portunhol* falado na campanha. Porém, como alertou Jorge Luis Borges com relação à *gauchesca platina*, essa resultou de uma construção artificial, produto do estranhamento de homens urbanos que transitam também pelas fronteiras de outras culturas. O trabalho do escritor é, por conseguinte, o de preservar a oralidade na passagem da língua falada para a escrita e da cultura popular e oral para a escrita (MASINA, 2004a, p.102-3) [grifos da autora].

O que mais nos chama a atenção, na passagem destacada acima, do ponto de vista linguístico, é o emprego do termo “golpecitos”, o qual é feito entre aspas, inferindo que essa palavra não se encontrava presente no vocabulário local, que era de uso restrito do autor

enquanto narrador da história. Dá-se enfoque, também, para o fato de que essa ocorrência é próxima ao que é destacado na análise de “negrito”, diferenciando-se apenas pelo fato de uma das palavras aqui destacadas ter sido empregada entre aspas e a outra não, ocasionando, assim, em uma nova delimitação regional, sendo esta dada através da linguagem empregada na obra.

Como mencionado anteriormente, o autor faz uso de palavras, expressões e remissões de outros idiomas. Seu uso é bem variado, sendo visível o emprego de termos originários do espanhol, presentes em expressões e costumes da região, como já trazido aqui nesta análise, palavras do idioma francês, expressões oriundas do latim e também do idioma inglês. Quanto a este último, inicialmente, sua utilização aparece na forma de substantivo próprio, em “trecalam um puro odor à Romney-Marsh” (p. 21), em que o autor pede avides ao leitor, visto que está subentendida, neste momento, uma raça de ovelhas. Mais adiante, a referência ao idioma inglês aparece em uma forma mesclada, em “Hupa! Uma all-rightíssima comissão em traje de júri, missa das dez ou chegada de deputado.” (p. 24), que nos chama a atenção, primeiramente pelo fato de a palavra “all-rightíssima” não vir no texto corrente com nenhuma marcação textual, exceto por haver uma nota de rodapé, onde é apontado que ela não vem sublinhada no original e que é formada a partir da palavra “all-right”, construção originária do inglês, de significado igual a “bem”, a “certo”³; também é necessário afirmar que no prefácio desta edição é mencionado que “A palavra *all-rightíssima* ficou em corpo claro, por determinação expressa do autor” (p. 15). E, por último, nos chama a atenção porque essa palavra não é de comum uso na região em que se passa a narrativa, ocorrendo na obra de Aureliano a união desta com o prefixo de intensidade “-íssima”, originário da língua portuguesa.

Avides também é pedida na passagem que segue, quando o autor menciona “É a tosa do meu rebanho, o que vale dizer a colheita da minha uva, a apanha do meu café.” (p. 21), numa relação de equivalência que pode passar despercebida aos olhos do leitor, visto que, quando o escritor nos traz “colheita da uva” e “apanha do café”, ele faz menção a todo um passado histórico-econômico que, até o momento em que foram escritas as memórias, ainda se fazia presente: a ascensão do café na economia brasileira, que só foi ter seu declínio com a famosa “Crise de 29”⁴ e a vinda dos imigrantes italianos ao Brasil, entre o final do século XIX e início do XX, vindo a instalar-se em diversas regiões de nosso país, sendo em maior

³ Consulta de significado realizada em <<http://translate.google.com>>, em 25 mai. 2011.

⁴ Vide “A Crise de 29 e o Brasil”. Disponível em <<http://historiablog.wordpress.com/2009/01/03/a-crise-de-1929-e-o-brasil/>>. Acesso em 19 mai. 2011.

concentração na serra gaúcha⁵, região com relevo e clima propícios à produção da uva. Tendo isso, Léa Masina [s.d.] traz um apanhado teórico em paralelo a uma abordagem sobre a presença étnica na literatura regional, ressaltando que esta recebe influência de outras literaturas regionalistas, provindas das migrações ocorridas na passagem de século descrita acima. Para ela,

o regionalismo deveria abarcar as contribuições das diferentes etnias advindas das migrações e, assim, multiplicar-se na tensa relação com um imaginário já existente e dominante [...] esse regionalismo fronteiriço, da campanha, próximo à *gauchesca* platina, irá conviver, nas últimas décadas do século XX, com outros regionalismos literários, fruto das correntes migratórias sobretudo alemãs e italianas (MASINA, [s.d.]) [grifos da autora].

Outra característica presente na obra aparece na forma do parágrafo que segue:

Esparramam-se por ali, contando as fichas daquela jornada. Derreados, amparados a esteios, a troncos de cinamomo, na frente, olham o longe com beatitude. Os avios de mate começam a ser movimentados. Vai generalizar-se o amargo. E as cafeínas da “paraguayensis”, à *son insu*, entrarão a destravar prosas e charlas. Casos e cuentos de vários rumos e de outros pagos, hão de fornecer a boa lonca para a trança fina das evocações (PINTO, 1973, p. 22) [grifos do autor].

Percebe-se, na leitura do trecho em destaque, que ele possui várias influências linguísticas externas, sendo que muitas vezes elas aparecem inseridas em um único período; dentre estas, destacam-se as referências ao latim, francesismos, espanholismos, expressões gauchescas e palavras rebuscadas do vocabulário da língua portuguesa, sendo articuladas de forma eclética e peculiar em prol de uma significação que, ao mesmo tempo, enriquece a narrativa com suas referências e aproxima-a do universal, através de outras.

No grupo das que enriquecem a narrativa, destacam-se as expressões de origem francesa, como “à son insu”, a qual vem inserida no texto em itálico, sendo de comum utilização na época em que o livro foi escrito, levando-se em conta que o uso de francesismos, de expressões oriundas dessa língua e até mesmo a sua utilização fluente, no Brasil, em determinadas ocasiões, estava em voga, visto que o francês era o idioma diplomático da época. Vale salientar que a expressão aqui analisada significa “desapercebidamente”, de acordo com a nota de Carlos Jorge Appel, inserida na edição em análise, demonstrando que seu uso, na época em que a obra foi reeditada, ou seja, trinta e seis anos após ser escrita, já não era mais realizado.

No que tange as análises e considerações realizadas em torno do uso de palavras francesas na obra em questão, é pertinente trazer a visão de Álvaro Manuel Machado, que, em seu livro “O ‘Francesismo’ na Literatura Portuguesa”, aborda a presença francesa na produção literária de Portugal, sendo pertinente trazê-lo a esta análise, apesar de seu foco regional ser

⁵ Vide HISTÓRIA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Já Editores, 1998, p. 161-176.

européu, pelo fato de ele, através do conceito de “imagem”, fazer uma reflexão a respeito da influência do idioma francês, buscando entender como ocorre esse mecanismo de “autoridade intelectual” através de um recorte literário-temporal, do Neoclassicismo até o Modernismo. Segundo ele,

se a *imagem* da França se tornou ‘francesismo’, para lá dessa recusa do iberismo, foi essencialmente porque, sobretudo com o século XIX, a França era considerada o centro cosmopolita por excelência, núcleo da cultura e da civilização europeias, exercendo uma incomparável função mediadora. Em suma: porque a França era o contrário do provincianismo (MACHADO, 1984, p. 11) [grifos do autor].

Outros elementos que se destacam por enriquecer a obra são as palavras rebuscadas da língua portuguesa, como “derreados”, “beatitude” e “evocações”, como principais exemplos deste parágrafo, as quais demonstram o amplo vocabulário do narrador-personagem, visto que aproximam o texto do regional por mostrarem uma designação social em específico, isto é, a de um gaúcho culto, letrado e viajado; também pela forma como essas palavras são inseridas no texto, pois elas não vêm nem grifadas nem com marcação simbólica (aspas, notas de rodapé, etc.).

Em contrapartida, no grupo das expressões que aproximam a narrativa do universal encontram-se referências ao latim, como a palavra “paraguayensis”, a qual se refere à erva-mate, elemento próprio da região descrita, que, pelo fato de ter sido apontado em latim, língua que origina os idiomas de colonização da América Latina (português, espanhol), em específico esta região compreendida no livro, que sofre a influência das duas falas em simultâneo, remete a um plano mais elevado em relação ao que se encontra a narrativa; devido a isso, faz-se a leitura desta utilização direcionada ao universal e ao erudito, pois busca, para representar um elemento próprio e popular de um lugar, uma língua que é de comum presença em todo o continente latino-americano e na Europa, o latim, que se faz afirmar como língua-mãe em muitos dos idiomas deste continente, dentre eles os que colonizaram a América do Sul, sem falar das culturas e regiões que sofrem sua influência de forma indireta.

Neste grupo, ainda há espaço para as expressões gauchescas de influência platina, as quais, encontrando-se em diálogo com essas remissões externas, partem em busca de um encontro ao universal. Dentre essas demonstrações, podemos destacar “charlas”, que também dialoga com os espanholismos presentes no parágrafo destacado, “lonca”, que, no vocabulário local, significa parte do couro do cavalar ou do muar da região do flanco⁶ e “pagos”, palavra própria de região híbrida e fronteiriça que possui como significação a de fazer referência a um

⁶ Vide “Lonca – Wikcionário”. Disponível em <<http://pt.wiktionary.org/wiki/lonca>>. Acesso em 10 mai. 2011.

local, região. Essas expressões, por sua vez, por encontrarem-se em uma zona de hibridação, têm relação indireta com o que foi apontado anteriormente por Masina (2004a, p.102-3) acerca dos laivos dialetais, porém se diferencia pela projeção ao universal, a qual as anteriores não realizam.

Ligia Chiappini complementa o que é trazido até aqui, a respeito das expressões que enriquecem a narrativa e a aproximam do universal. No texto “Do Beco Ao Belo: Dez Teses Sobre o Regionalismo na Literatura”, ela aponta que

em vez de explicar a obra regionalista bem realizada, negando sua relação com o regionalismo para afirmar imediatamente sua universalidade, seria preciso enfrentar, pela análise trabalhosa de cada caso, a questão de como se dá a superação dos limites da tendência, de dentro dela mesma, pela potencialização de suas possibilidades artísticas e éticas [...] Ou, nos termos em que a escritora francesa [George Sand] enunciou esse problema em meados do século passado, fazer um narrador ou um personagem falar como se à sua direita tivessem um parisiense e à sua esquerda um camponês (CHIAPPINI, 1995, p. 154).

Vê-se, como já apontado nesta análise, que a presença de várias remissões e palavras estrangeiras em um mesmo período é algo muito presente na obra de Aureliano. Assim como o parágrafo da página 22, destacado e analisado acima, há outros momentos no livro em que semelhantemente ocorre igual presença. A seguir, trazemos dois deles, sendo o primeiro o que segue:

A Morosini, *danseuse excentrique*, iria dançar, nua, uma dança egípcia. A aclamação foi geral. E caiu mais champanhe para preparar o ambiente. O Ventania virava aquele negócio goela abaixo, como se de a cavalo, com pressa e com sede, emborcasse guampas e guampas d'água. E quando a dançarina esguia resvalou no palco, nuazita e mal calafetada, foi um escândalo. O Ventania rugiu em franco delírio de raiva erótica. As carótidas, subclávias, as jugulares e o mais, turgesceram, encorporaram, retesaram-se como tamoeiros e uma chinchada forte. O pescoço curto tomou volumes de cogote de touro jaguané em outubro. O pobre do meu amigo, por volta dos 65, nos últimos veranicos do sexo, nunca, nem imóvel, vira um corpo de mulher totalmente despido. E agora, aquele sangue cheio de sóis da campanha, hipertenso, urêmico, faunesco, tinha à vista aquela nudez lasciva, a ondear em lentas agonias de luxúria, dançando e sorrindo (PINTO, 1973, p. 55) [grifos do autor].

Percebe-se, neste primeiro parágrafo, a presença de elementos de vários tipos. Logo de início, aparece “*danseuse excentrique*”, referência ao francês, que possui significado próximo a “dançarina excêntrica”. Em seguida, faz-se referência à dança egípcia, que não é originária do lugar onde se encontra ambientada a história, o qual é a capital do Rio Grande do Sul. Mais adiante, ocorre uma mescla linguística semelhante às destacadas inicialmente neste trabalho, a palavra “nuazita”, que equivale ao português “nuazinha”. Por fim, outros elementos que se encontram presentes neste parágrafo e se articulam com os já mencionados são, em primeiro lugar, a linguagem rebuscada utilizada pelo autor e, em segundo lugar, as palavras/expressões gauchescas, sendo principal exemplo do primeiro caso “carótidas”, “subclávias”, “urêmico” e “faunesco” e como exemplo de palavras e expressões gauchescas,

entre outras, temos “goela abaixo”, expressão muito utilizada e difundida na região sul do Brasil e “chinchada”, outra palavra adotada pelo vocabulário local, dentre outros exemplos presentes no parágrafo citado.

Para finalizar a análise dos elementos e remissões externas e sua presença e influência na composição regionalista da obra, destaca-se o parágrafo que segue:

Comecei a caminhar para o Lagache. No largo, em frente ao Central, ali no Cretinário da cidade, bem no meio, conversavam, só os dois, o Macanudo e o Ventania. Muito formalizados um para o outro, tratavam, parece, de importantes coisas. Com seus aplombs de barões feudais, circunspectos e graves, pareciam antes dois monarcas, negociando um novo Tratado de Tordesilhas, para rachar o mundo em dois municípios ou duas estâncias... (PINTO, 1973, p. 57-8).

Há, neste trecho, três ocorrências que nos chamam a atenção em dar enfoque. A primeira é a menção da palavra “Cretinário”, na qual ocorre um processo de latinismo, visto que nela é feita a mescla de um radical da língua portuguesa (Cretin-) com um sufixo originário do latim (-ário), remetendo a uma universalidade. Fazendo uma interpretação contextual (e chamando a atenção para o fato de que não há um grifo ou nota de rodapé sequer nesta palavra, no texto corrente), a palavra faz referência a um determinado local “da cidade” onde há grande concentração de cretinos⁷. A seguir, o autor traz a palavra “aplomb”, um inglesismo, o qual tem significado próximo a “segurança, equilíbrio”⁸. Por último, é realizada uma transcendência ao continental, no momento em que o autor afirma que os dois sujeitos estariam “negociando um novo Tratado de Tordesilhas”, onde, em seguida, utiliza-se de uma metáfora para voltar à regionalidade: “para rachar o mundo em dois municípios ou duas estâncias...”.

2.2 O Regionalismo em meio à Contemporaneidade

“As Cartas do Domador” é um folheto de 14 capítulos que foi publicado no Portal Terra, um sítio da internet, pelo escritor Tabajara Ruas, todas as sextas-feiras, no período compreendido entre 29 de setembro e 29 de dezembro de 2006. A história tem por base a narrativa e os acontecimentos em torno de três personagens: A figura histórica farroupilha

⁷ Foi realizada uma busca em dicionários e em sítios da internet e, em nenhuma das ocasiões, encontrou-se tradução, interpretação ou significação que fossem pertinentes a essa palavra, o que nos faz crer que ela é uma criação do autor, realizada através de uma mescla. Por isso, propõe-se uma interpretação dela tendo em conta o contexto ao qual se encontra inserida na obra.

⁸ Vide “Aplomb – Significado de Aplomb no Dicionário de Português – Inglês”. Disponível em <<http://www.dicionarioweb.com.br/aplomb.html>>. Acesso em 23 mai. 2011.

Antônio de Souza Netto que, na época, segundo passagem do livro, ainda era coronel, o qual se emerge nos campos neutrais em busca do Índio Jesus Torres, outro personagem da trama e exímio tratador de cavalos, o qual já havia lutado em muitas batalhas com Netto, e, por último, tangendo a narrativa dos dois personagens apresentados anteriormente, temos Negrinho, escravo da fazenda do Barão de Aceguá, o qual era também excelente corredor de carreiras em cancha reta, participando de várias apostas como representante de seu patrão. A presença de Negrinho, na história, é peça desencadeadora de uma transcendência à cultura folclórica, visto que esse personagem faz, no decorrer da narrativa, alusão à lenda do Negrinho do Pastoreio, sendo que ele encarna o personagem e se vê parte da lenda inserida na narrativa, onde aparece a primeira marca regionalista a se apontar, pois, esta lenda, segundo os sites Wikipédia⁹ e UOL Educação¹⁰ e historiografia consultada¹¹, é muito difundida no sul do Brasil, marcando bem a narrativa à região em que está inserida.

Esse regionalismo restrito a um lugar, por vezes, é equívoco. Ao mesmo tempo em que ele possui características que prendem a narrativa ao local em que ela está posta, há elementos que a fazem remeter a outras culturas, como a colonizadora, e a ideais que não têm por origem o lugar de onde é contada a história. De acordo com Léa Masina,

embora sejam inúmeros apenas estudos sobre obras regionalistas individuais, é importante registrar a existência de fortes correlações entre os diferentes sistemas literários da América Latina. Neles se identificam motivações temáticas comuns, o registro dos usos e costumes fronteiriços e rurais, a guerra e suas ramificações, definindo personagens, travessias e outras questões sociais e políticas (MASINA, [s.d.]

Destacaremos, a partir disso, alguns encontros e desencontros dos estrangeirismos em relação ao regional, procurando, no momento de identificação desses fenômenos, explicá-los, amparado por abordagens literárias que versam sobre o regionalismo e a fronteira, conceito este que é compartilhado com as análises aqui realizadas.

Em primeiro lugar, é preciso apontar a situação temporal inicial estipulada pelo autor, logo no início da obra, na passagem “É quente o verão de 1835. Nesse verão Karl Marx tinha 19 anos de idade. Netto, ao que parece, 32. Marx ainda era estudante. Netto ainda era

⁹ Vide “Negrinho do Pastoreio”. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Negrinho_do_Pastoreio>. Acesso em 29 nov. 2010.

¹⁰ Vide “Negrinho do Pastoreio – Uma Lenda Gaúcha”. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/folclore/negrinho-do-pastoreio.jhtm>>. Acesso em 29 nov. 2010.

¹¹ Conforme a “História Ilustrada do Rio Grande do Sul” (1998, p.96), a qual consta em nossas referências bibliográficas, a lenda do negrinho do pastoreio originou-se no sacrifício de um menino escravo, o qual “deu origem à única lenda rio-grandense”; “Baseada num fato verdadeiro, que teria ocorrido por volta de 1784, a lenda do Negrinho do Pastoreio tem várias versões.” “Através dela, o mundo pastoril enterrou suas raízes no imaginário popular.” Sabe-se que, entre outros, escritores como João Simões Lopes Neto, João Jacques Cezimbra, Alfredo Varela e Darcy Azambuja são autores de versões dessa lenda. Vide MEYER, Augusto. **Prosa dos Pagos**. Porto Alegre, Globo, 1959.

coronel.” (Capítulo 1, Cena 1). O autor situa o leitor na obra através de uma comparação com um personagem histórico da época em que a narrativa é contada, personagem esse que não é originário deste local, fazendo, com isso, a inserção de um elemento originário de uma região diferente da que se encontra sendo narrada a história e ainda, fazendo com que esse leitor remeta a uma transcendência, pois exigirá deste ter conhecimento de quem foi Karl Marx, o que de certa forma não o prejudicará na realização da leitura, porém, em termos de situação temporal inicial, a narrativa sofre certo comprometimento. Sob outra ótica, o que se aponta aqui não é uma crítica à utilização de um artifício estético para a composição situacional da narrativa, e sim à escolha desse elemento, pois ele não possui vínculo nenhum com a região que será descrita.

Em segundo lugar, ainda no Capítulo 1, Cena 4, chama-se a atenção para a utilização da seguinte descrição: “Gritos de quero-queros anunciam a chegada. No grande silêncio se ouve o som das patas dos cavalos chegando”. De acordo com a sabedoria popular, é comum essa espécie de ave, em meio a campo aberto, dar gritos quando vê pessoas estranhas se aproximarem dos domínios. A utilização dessa expressão pelo autor demonstra nele conhecimento da vida rural do sul do Brasil, bem como dos falares das gentes. Além disso, essa descrição aproxima a narrativa ao local onde está inserida, os “Campos Neutrais”, que se situam ao sul do país, designação assim dada à faixa de terras que se encontrava entre Brasil e Uruguai, pelos dois países desta zona ter a posse cultural.

A escolha deste local como ambientação da história implica também nos rumos que ela irá tomar, bem como ganha imenso valor semântico por esse lugar ser considerado “terras de ninguém”, ocasionando em certa hibridação, que nos leva a uma unificação e remete ao universal. Devido a isso, sugere-se a interpretação de que essa escolha de local é feita justamente por ele se encontrar em meio a uma região de fronteira, por possuir esse caráter híbrido e por não ter a posse oficial de nenhum dos dois países fronteiriços, levando a narrativa a uma unificação cultural através desta escolha. Nesta perspectiva, Ángel Rama, em seu ensaio intitulado “Aportación Original de una Comarca del Tercer Mundo: Latinoamérica”, faz uma análise concentrada sobre a literatura latino-americana e o que ela trouxe de original da literatura universal como expressão de uma região do terceiro mundo. Para tal análise, ele propõe uma unificação cultural da América Latina a fim de deduzir a possibilidade de uma contribuição literária original do continente à comunidade mundial. Para ele, “literatura es una perspectiva estructural que vincula autor, obra, público, tradiciones, o sea como un sector específico de la cultura, y no como una acumulación de variadas obras de

arte” (RAMA, 1993, p. 59). Isso ajuda a compreender o sentido de universalização que se pôde atribuir à região denominada “Campos Neutrais” na obra.

Ainda reflexionando a questão local, é importante trazer a visão de Léa Masina, que faz considerações pertinentes quanto à compreensão do espaço na literatura rio-grandense, quando ela aponta que

[...] os brasileiros sempre leram os uruguaios e os argentinos, além de partilharem a mesma origem colonial ibérica, os mesmos textos primordiais e a vida social sob circunstâncias históricas análogas. Daí que os escritores sul-rio-grandenses contemporâneos permaneceram ligados a questões geograficamente circunstanciadas, percorrendo o espaço histórico e social gaúcho para criticá-lo, exortá-lo, relê-lo e registrá-lo na existência ficcional (MASINA, [s.d.]),

reforçando ainda mais as considerações realizadas em torno da escolha do local por parte do autor e a visão de Rama, trazidas anteriormente. Em outra publicação de Masina, na qual ela realiza uma análise de “Netto Perde Sua Alma”, do mesmo autor da obra em análise, ela aborda a linguagem e seu vínculo com a fronteira, observando a presença de uma “respiração gaúcha”. Igual respiração é possível ser percebida na obra em análise, pois “o texto salienta, na fala das personagens, a hibridez do linguajar e a visão fronteiriça do mundo, presentes na narrativa em forma de palavras e expressões do castelhano que não podem ser traduzidas sob risco de redução de seu significado” (MASINA, 2004b, p. 194), onde se percebe a importância do que é postulado nesse momento pela autora, visto que possui grande valor para o que abordaremos a seguir. A autora também alerta para o fato de que

para dar conta de uma narrativa em que a diversidade e a semelhança cultural, paradoxalmente, são dominantes, é preciso recorrer ao emprego de expressões e referências bastante contextualizadas, exigindo que o leitor adentre no conhecimento de uma cultura brasileira peculiar (MASINA, 2004b, p. 194).

Outra característica que aproxima a narrativa ao local é a utilização de espanholismos, fato que ocorre devido a vocábulos próprios do espanhol serem incorporados à língua portuguesa. Essa apropriação de elementos linguísticos oriundos da língua espanhola ocorre devido ao lugar em que se encontra narrada a obra, onde, devido a essa zona espacial não possuir “dono”, era comum a presença dos dois idiomas, português e espanhol, ocasionando, assim, essa mescla. Fica explícito isso, na obra, na cena em que Cabo e Catarino cercam Netto e iniciam um diálogo com ele: “ – Buenas Sargento. / - Buenas... / Ando a serviço, olhando a cavalgada.” (Capítulo 1, Cena 5).

Assim como a utilização de estrangeirismos colabora para que a narrativa se apegue ao local descrito, há elementos que fazem o contrário, como, por exemplo, dois episódios bem marcados, que se constituem na declamação dos sonetos 9 e 16 de Luís Vaz de Camões

(respectivos Capítulos 3 e 6, Cenas 7 e 5), escritor classicista português do século XVI¹², pelo Secretário do Delegado, um português de pequeníssima estatura, com ares pedantes. O que se constitui aqui é uma remissão não somente ao estrangeiro, sendo este, neste caso, representado por Portugal, mas também a um passado de colonizações, o qual é jogado ao presente da narrativa, auxiliando-a em sua continuidade e demarcando a questão colonial ao local inserido. Uma interpretação possível para justificar essa colocação por parte do autor seria a de que essa busca ao exterior realizada nesses dois momentos descritos ajuda a aproximar ainda mais a narrativa ao local, pois, apesar do personagem e dos sonetos serem de origem portuguesa, tem-se de pensar também na questão da colonização somada às batalhas territoriais que estavam ocorrendo até então, bem como é necessário juntar-se a isso o fato de a história estar inserida na região das “terras-de-ninguém” e de que essa seria uma forma de marcar a presença portuguesa no local, além do idioma em que é escrita a obra.

Essa última apuração realizada sobre a utilização de estrangeirismos pode ser vista também através do conceito de transculturação¹³ narrativa, idealizado pelo crítico literário uruguaio Ángel Rama, que é um de seus precursores. Léa Masina também faz considerações acerca do que é postulado pelo ensaísta e sua colocação é pertinente para o que aqui está sendo trazido:

O Reconhecimento do vínculo à tradição local, em tensão com a modernidade, irá propiciar a Rama a teoria da *transculturación narrativa*, expressiva contribuição para o estudo dos processos de assimilação cultural, possibilitando uma nova compreensão dos regionalismos. Apropriando-se do termo *transculturación narrativa*, com vistas a descrever e compreender a complexa aproximação entre tradição e modernidade. Ele considera a absorção da cultura estrangeira moderna e seu encontro com a tradição local como um processo dinâmico, criador de significados híbridos. Trata-se, pois, de uma relação tensional em que o escritor não se limita a estereótipos consagrados. Ele cria, a partir de novas sugestões, transformando seu processo em algo novo e produtivo, criado a partir do conflito entre tradição e modernidade. Nesse sentido, Rama se refere a um novo regionalismo na América Latina (MASINA, [s.d.]) [grifos da autora].

Ainda na perspectiva de remissão ao estrangeiro, é notada, no decorrer do folhetim, a presença de outro elemento que marca essa ocorrência: em certo momento, quando Índio Torres se dirige a Bonifácia, ele faz a seguinte afirmação: “ – Bonifácia, tu é uma heroína, igual à Joanna D’Arc dos Franceses.” (Capítulo 11, Cena 6). Quando o índio compara Bonifácia à Joanna D’Arc, personagem histórica francesa que no século XX foi canonizada

¹² Vide “Biografia de Luís de Camões”. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/autor/luis_de_camoes/biografia/>. Acesso em 20 dez. 2010.

¹³ Transculturação é o processo que ocorre quando um indivíduo adota uma cultura diferente da sua, podendo ou não implicar uma perda cultural. Vale salientar, ainda, que este conceito de culturas convergentes é inicialmente promovido por Fernando Ortiz, sendo então trazido por Rama para a literatura sob a forma de “transculturação narrativa”. Vide “Transculturação”, disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Transcultura%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 30 nov. 2010.

pela igreja católica, além de remeter a outro país, essa afirmação marca uma alusão aos ideais franceses que povoavam o pensamento das pessoas na época, em especial o exército sul-riograndense e o farroupilha (este último, o qual, no espaço de tempo em que a narrativa ocorre, ainda não aparece, visto que ela conta fatos ocorrentes num momento anterior à revolução). Dentre os ideais, permeavam os de “liberdade, igualdade e fraternidade”¹⁴. Outro fato que se deve apontar é que a figura de Joanna D’Arc, neste momento, estava em voga, pois ela havia sido esquecida pela história até o século XIX, conhecido como o século do nacionalismo, quando foi neste que a França redescobriu esta personagem trágica¹⁵. Tendo isso e o fato de a obra se passar no início do referido século, é justificável essa utilização.

Porém, apesar do apresentado, tem-se de expor o seguinte fato: apesar dos ideais da revolução francesa e da personagem de Joanna D’Arc estarem nesta época em evidência, esse tipo de conhecimento e pensamento era percebível em predominância nas classes sociais mais elevadas, como o posto de Netto na trama, bem como os intelectuais e pessoas que residiam nos poucos centros urbanos da época, e, na obra, a comparação contida na afirmação feita pelo índio destoa com o que de fato era mais ocorrente, pois ele não era de classe elevada, e sequer é apresentado na obra fato que comprove que este tem um passado cultural que propiciasse a isso, a não ser, é claro, que pensemos nessa afirmação como elemento desencadeador e explicitador desse conhecimento por parte do indígena ou uma estratégia narrativa, pois, como nos traz Lúcia Miguel-Pereira, essa ocorrência pode ser atribuída ao fato de nossa literatura viver repartida “entre a sedução intelectual e o anseio de se nutrir da cultura popular” (1988, p. 183).

Há que se apontar, também, nesta análise, o uso de regionalismos linguísticos. Este aparece inicialmente quando Índio Torres refere-se ao cavalo que Netto lhe alcança, falando “– Igualito ao Baiquara.” (Capítulo 11, Cena 7), onde ocorre uma marca de regionalismo linguístico local, pois, ao invés de o personagem utilizar-se da forma no diminutivo “igualzinho”, o mesmo se utiliza de um neologismo formado por derivação sufixal, produto da adição do sufixo “-ito”, que por sua vez é marcação de diminutivo na língua espanhola. Porém, ao mesmo tempo em que ocorre essa proximidade da narrativa à região através da estrutura linguística, esta própria composição se contradiz, quando, ainda na Cena 7, Índio

¹⁴ A “História Ilustrada do Rio Grande do Sul” (1998, p. 95) parece sintetizar o momento histórico em que a história se passa: “Aos fatores internos que transformam a vida na capitania – fim das vacarias, fixação das estâncias, surgimento das charqueadas – somam-se o reflexo dos acontecimentos que desde 1789 sacodem a Europa, detonando os regimes absolutistas. Em 21 de janeiro de 1793, os revolucionários franceses guilhotinam o rei Luis XVI. A burguesia toma o poder, ‘extinguindo privilégios da nobreza e defendendo igual oportunidade de trabalho e riqueza para todos os homens’. O ‘século das luzes’ chega ao fim com uma Europa transformada.”

¹⁵ Vide “Joanna D’Arc”, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_d'Arc>. Acesso em 30 nov. 2010.

Torres, após pegar o cavalo que Netto o trouxera, diz “Upa, Upa, Upa, Cavalito!”, pois, apesar do mesmo processo descrito acima ocorrer, não há, em específico, o uso dessa forma na fala local, caracterizando-se assim um regionalismo não muito usual, levando em conta o processo de formação ocorrente na palavra “cavalito”.

Quanto a essa questão morfológica, há trabalhos que enfocam em específico a importância que tem este estudo para a melhor compreensão da regionalização, englobando a cultura e a tradição local. Masina observa que foram feitas abordagens em torno disso, sendo uma delas sob o olhar do pensamento crítico argentino, apontando como melhor contribuição para essa área o artigo intitulado “*Ricardo Rojas y los Regionalismos Culturales*, de Julián Cáceres Freyre, antropólogo argentino dedicado ao estudo da tradição local, destaca a importante contribuição de Rojas para o estudo morfológico da cultura” (MASINA, [s.d.]) [grifos da autora].

Ainda no mesmo capítulo da obra, é possível resgatar a característica fronteiriça presente no começo desta análise, quando o autor narra que “Bonifácia se aproxima de Netto e lhe entrega uma cumbuca com puchero e uma colher de pau. Os lanceiros estão ansiosos e atentos em relação a Netto.”(Capítulo 11, Cena 12), quando é apresentado o puchero¹⁶, prato típico da culinária hispânica, fazendo uma aproximação dos dois povos colonizadores com a região em que se encontra situada a narrativa através do emprego deste estrangeirismo, ou seja, a presença desse elemento estabelece uma ligação entre povo, local e narrativa. Tendo isso, Masina ressalta que

quanto à cultura popular, que ignora as manifestações da academia, as expressões regionalistas, ao menos no Rio Grande do Sul, sempre estiveram presentes e até se multiplicaram, reproduzindo e reinventando os discursos literários tradicionais. O fenômeno está a merecer um estudo mais alentado, eis que essas manifestações cada vez mais se disseminam por outros estados brasileiros através de práticas diversas, que incluem a difusão da culinária, representada por pratos típicos gaúchos, como o churrasco, a canjica e o arroz de carreteiro, enquanto incentivam a música e a dança, através de eventos nativistas e tradicionalistas, promovidos por Centros de Tradição Gaúcha (MASINA, [s.d.]).

Da mesma forma como a autora aponta a disseminação da cultura popular para outros estados, igual processo pode ser visto na narrativa de Tabajara Ruas, porém sob outro olhar espacial, nesse momento direcionado às influências uruguaias (ou hispânicas) em terras de colonização portuguesa.

¹⁶ Um tipo de ensopado preparado na Argentina, Colômbia, Uruguai, Filipinas e Espanha, mais especificamente nas comunidades autônomas da Andaluzia e Ilhas Canárias. O nome vem do espanhol, a palavra “*puchero*”, que significa “panela”. Vide “Puchero”, disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/Puchero>>, acesso em 30 nov. 2010.

Ainda na perspectiva da cultura popular, é importante trazer que esta se apresenta, também, na forma de cantos e versos, logo no início do romance, nas duas primeiras cenas. Em um primeiro momento, isso se manifesta na voz de Netto, no momento em que ele vai, a cavalo, em direção ao Posto Militar. Enquanto anda na direção do forte, cantarola: “ – *Eu não sou filho daqui, / Sou filho lá de fora; / Ando cumprindo meu fado, / Acabando, vou-me embora*” (Capítulo 1, Cena 1) [grifos do autor], em que se percebe, na forma que é feita as rimas (A-B-C-B) e na composição do conteúdo dos versos, uma presença portuguesa (o termo “fado”, elemento cultural lusitano), contrapondo-se ao segundo momento, em que, no Alojamento do Posto Militar, acordes de violão e uma voz adocicada cantam “ – *Tenho um cavalo escuro, / do andar de saracura, / Chinoca, vamos embora / Que a noite está mui escura*” (Capítulo 1, Cena 2) [grifos do autor], onde se percebe o emprego na linguagem popular de elementos que se transpuseram da fala e cultura espanholas para o uso na estrutura da língua portuguesa, algo que prende mais ao lugar (“Chinoca”, palavra originária da cultura hispânica e própria da comarca pampeana¹⁷, e “mui”, palavra trazida ao idioma português através do processo de neologismo, pois ela deriva-se de “muy”, advérbio de intensidade na língua espanhola).

Em suma, enquanto no primeiro momento a presença cultural faz uma busca às origens lusitanas, o que enriquece a narrativa, no segundo momento é realizada uma remissão ao próprio lugar onde está situada a história, prendendo a narrativa ao local, pois se apossa de um linguajar particular da região em que ela está se passando. Outro elemento a destacar, que aproxima a obra ao local onde está inserida, é o jogo de tava (Capítulo 1, Cena 2), o qual é praticado pelo sargento e pelo cabo no posto militar, que consiste em um osso como instrumento, o qual é atirado em uma cancha de quatro ou cinco metros, prática esta própria da região, produto de uma mescla cultural entre Espanha e Portugal, os dois povos colonizadores do local.

Por último, há a necessidade de se apontar, nesta análise, a estrutura compositiva da obra. De acordo com Chiappini,

um levantamento bibliográfico feito em 1992-93 e o contato com vários especialistas no assunto em diversas universidades européias confirmaram uma suspeita: a de que o regionalismo, que setores da crítica literária brasileira consideravam uma categoria ultrapassada, continuava presente e, até mesmo, tinha-se tornado tema de pesquisas muito atuais, ganhando uma amplitude maior na intersecção dos estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos (CHIAPPINI, 1995, 153-4).

¹⁷ Já foi trazida, na análise anterior, a leitura de RAMA (1989), a respeito das comarcas culturais. Vale salientar que o crítico, em vários momentos, utilizou-se da expressão “Comarca Pampeana” para situar a região em que se encontra o estado do Rio Grande do Sul, parte da Argentina e Uruguai.

Tendo isso em evidência, traz-se aqui o fato de a obra ter sido composta e publicada da mesma forma que se fazia no século XIX, em folhetins; a única diferença é que esta foi divulgada em um veículo de comunicação global, a Internet, ocasionando em grande circulação, diferentemente, por exemplo, de José de Alencar, quando publicou “O Guarani” sob a forma de folhetins no Diário do Rio de Janeiro, entre 1º de janeiro e 20 de abril de 1857¹⁸, e Machado de Assis, com suas “Memórias Póstumas de Brás Cubas” originalmente impressas em blocos de capítulos seriados, ao longo do ano de 1880, na antiga Revista Brasileira¹⁹.

Com isso, reforça-se o apego temporal da obra ao tempo descrito, e, tendo como consideração que este elemento também ajuda na caracterização regional da obra, pode-se afirmar que ela também sofre aproximação ao lugar através da estrutura de composição. Tendo isso, Denise Mallmann Vallerius nos traz, somando-se ao que foi dito anteriormente, que

outro aspecto relevante é que, ao nos depararmos com obras regionalistas contemporâneas, sejam elas de manifestação do local por meio de recursos de vanguarda, transformando-as em alta realização estética, sejam elas ainda próximas ao realismo, gerando obras de pouca tensão, o regional parece configurar-se cada vez mais como *locus* de resistência em um mundo em que as identidades e os gostos são homogeneizados e *distribuídos* pelos principais meios de comunicação, tornando-se signos semanticamente vazios (VALLERIUS, 2010, p. 204) [grifos da autora].

Vista a passagem que a autora nos traz, é bem provável que esse processo de distribuição em meios de comunicação gere como resultado uma abertura de espaço para que ocorra mais comumente um processo transcultural nas narrativas contemporâneas, podendo ser isso marcado pela mistura de elementos e sua consequente hibridação.

Somado ao que nos traz Vallerius, Léa Masina faz considerações pertinentes no que se refere à questão de produção das obras regionalistas, enfatizando a questão discursiva e sua relação com a historiografia. De acordo com ela,

sempre que a literatura conversa com a história, é preciso lembrar o caráter discursivo de ambas, sem esquecer que a ficção possibilita ao escritor dizer o que as palavras não dizem quando lidas em outros contextos. Essa intenção, que resulta na competência para ficcionalizar, é responsável pelo contrato que estabelecem autor e leitor quando o texto os confronta no ato da leitura. Em suma, é responsável pela *performance* entendida como competência para a constituição do significado (MASINA, 2004b, p. 195) [grifos da autora].

Com isso, finaliza-se esta análise, trazendo as palavras de Eneide Santos Saraiva, a qual nos diz que

¹⁸ Vide “O Guarani”. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Guarani>. Acesso em 30 nov. 2010.

¹⁹ Vide TITAN JR., Samuel. O Romance e a Revista: As Memórias Póstumas de Brás Cubas na Revista Brasileira. In: **SERROTE**. São Paulo: IMS, v. 1, mar. 2009.

cabe ao crítico literário um cuidado maior ao elaborar sua escrita em relação ao regionalismo. Por vezes, a necessidade de taxonomia da literatura ultrapassa a análise do texto em si e acaba por encarcerar a obra literária. Esta deve ser manuseada e analisada com cuidado, pois a ideia de regionalismo vinculada à falta de universalismo é muito forte na literatura brasileira, o que abre margens para certa dose de preconceitos contra obras e autores regionalistas (SARAIVA, 2009, p. 9),

apontando que, partindo do ponto de vista de que nos encontramos num mundo globalizado, onde a tecnologia avança de forma feroz e as distâncias vão-se encurtando, não é de se impressionar que ocorram interferências no estilo regional, bem como a presença do universal neste tipo de obra, como é visível na analisada.

2.3 Regionalismo: Tendências

Ligia Chiappini, em um de seus trabalhos, aponta que o regionalismo tem um “fôlego de gato”. Destacou, também, que isso não ocorre apenas no Brasil. De acordo com ela,

regionalismo é um fenômeno universal, como tendência literária, ora mais ora menos atuante, tanto como movimento [...] quanto na forma de obras que concretizem, mais ou menos livremente, tal programa, mesmo que independentemente da adesão explícita de seus escritores (CHIAPPINI, 1995, p. 153-4).

Diante disso, não é de se admirar que elementos que aparecem em obras regionalistas do início do século XX continuem a surgir nas narrativas contemporâneas. Até o outro capítulo, foram realizadas análises em torno da presença dos estrangeirismos nas obras regionais, foco deste trabalho, por isso se trouxe uma obra da época do chamado “Romance de 30” e outra contemporânea, com o intuito de se observar como se dá a presença desses elementos ao longo do tempo.

Realizadas as duas abordagens, percebe-se que o uso de estrangeirismos é algo constante. Para melhor firmar o que é apresentado, antes de concluirmos este trabalho, vemos a importância de apresentar nele o fato de que essas ocorrências nas obras regionalistas tendem a ter continuidade. Para tal, traz-se “Don Amado”, trecho do romance “Figura na Sombra”, de Luiz Antonio de Assis Brasil, que será publicado em 2012. O trecho do livro em destaque conta, de forma sucinta, a história de Aimé Bonpland, mais conhecido por Don Amado, um diplomado médico e conhecedor das ciências botânicas, um velho nascido na França que vive em uma estância na Argentina. Neste fragmento, podemos perceber que esses elementos destacados nas análises realizadas anteriormente têm seu uso continuado. Apontaremos três destes usos a seguir.

Em primeiro lugar, é ainda de utilização nas narrativas regionalistas o uso de descrições geográficas. É possível perceber seu uso na passagem “As paredes de barro amparam-se em troncos de árvores que têm a função dos arcobotantes das catedrais góticas. As fendas nas paredes, resultado de um abandono sem época, deixam entrar luzes oblíquas que conferem textura de cenário litúrgico a tudo ali dentro” (ASSIS BRASIL, 2011, p. 96). Percebe-se, no trecho, uma descrição minuciosa das paredes de barro e suas fendas, quando primeiramente esse elemento local é vinculado pelo narrador a um elemento externo, a igreja gótica e, logo após, a descrição concentra-se em uma luz que atravessa as fendas de uma parede, e o cenário que esta produz.

Em segundo lugar, a utilização de francesismos, nas passagens “Don Amado Bonpland, o velho estancieiro, denomina a esse cômodo sem assoalho de *salle à manger*”, que, em português, significa “sala de jantar”, bem como o uso de “aloe vera” em lugar de utilizar o nome da planta em língua local. É compreensível, porém, a utilização desta palavra nos dias de hoje, pois ela é de comum uso no cotidiano, o contrário da referência à sala de jantar.

Em terceiro e último lugar, é presenciada na análise a utilização de um latinismo, em “Glória das ciências botânicas, *doctor honoris causa* por várias universidades europeias, Don Amado é um enigma para o mundo” (p. 96), onde há a presença de uma expressão consagrada originária do latim, remetendo a uma universalidade. Igual universalidade é percebível em “viláceo” (p. 98), onde também é demonstrado um domínio de conhecimento linguístico por parte do personagem.

3 A VISÃO LIMITADA DA CRÍTICA LITERÁRIA TRADICIONAL

Desde o firmamento de uma produção literária no país, o regionalismo presencia uma relação conturbada com a crítica literária brasileira. Ele muitas vezes é colocado à prova para discussões e problematizações. Inicialmente, se classificou o regionalismo em uma linha evolutiva, na qual ele teria seu início ao final do romantismo e seu apogeu nas primeiras décadas do século XX. Pensava-se, também, no exótico, no uso da cor local, das descrições geográficas e na utilização de um linguajar próprio, por vezes não acessível a todo e qualquer leitor. O conjunto destes elementos era, de certa forma, repudiado por parte da crítica literária, bem como, ao longo da história da literatura, considerado “subdesenvolvido”²⁰ e acusado de “contrariar as pretensões de uma ‘brasilidade programática’” (VALLERIUS, 2010, p. 180). Um dos nomes que promoveu essa repulsa ao regionalismo foi Mário de Andrade, quando afirmava que

regionalismo é pobreza sem humildade. É a pobreza que vem da escassez de meios expressivos, da curteza das concepções, curteza de visão social, caipirismo e saudosismo. Comadrismo que não sai do beco, e, o que é pior: se contenta com o beco (ANDRADE²¹ apud Schwartz, 1995, p. 484),

sendo refletido através de suas palavras o pensamento da crítica literária paulista da época perante essa modalidade literária, visto que eles buscavam uma identidade nacional, pois o regionalismo, “ao acirrar as diferenças existentes entre as distintas regiões do país acabava soando como projeto ‘antinacional’” (VALLERIUS, 2010, p. 180). Nessa busca, Mário de Andrade escreve “Macunaíma”, numa tentativa de unir essas várias vozes presentes em nosso país, construindo assim essa identidade brasileira. Porém, apesar de suas críticas ao movimento regional e de almejar essa nacionalidade, o próprio escritor, anos mais tarde, diz que

de todas as literaturas regionais do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável (ANDRADE²² apud Cesar, 1956, p. 17),

fazendo, assim, uma reflexão perante seu posicionamento diante desta modalidade literária. Guilhermino César, em sua “História da Literatura do Rio Grande do Sul”, aponta que é do crítico paulista “a primeira análise certa do caso rio-grandense” (1956, p. 17).

²⁰ A ideia de subdesenvolvimento, aqui relacionada com a literatura, foi defendida por Antônio Candido, em seu texto “Literatura e Subdesenvolvimento”, no qual ele se apossa de um discurso vinculado à sociologia para buscar entender como funciona o mecanismo literário regional.

²¹ ANDRADE, Mário de. Regionalismo. In: **Diário Nacional**. São Paulo, 14 fev. 1928.

²² ANDRADE, Mário de. Os Gaúchos, rodapé da “Vida Literária”. In: **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1939.

Em uma das obras analisadas, temos concretizada a ideia que se tinha a respeito do regionalismo na época pós-vanguardista. Poucos são os momentos em que tal concretização aparece na produção literária. O escritor Aureliano de Figueiredo Pinto traz, na passagem que segue, que

Ah! Sim... Não digo que ainda vá me candidatar a uma das muitas academias que, ao modo das barracas de couros do meu município, propõem-se a adquirir todos os frutos do país. Mas ao menos ocupar algumas páginas do Almanaque do Globo, já serve como glória literária (PINTO, 1973, p. 30),

demonstrando assim uma reflexão por parte do autor e sua consciência perante a produção literária realizada em seu país, bem como o modo que via sua obra sendo publicada. Podemos pressupor, através desta fala, que já havia, no pensamento da época, uma marginalização da literatura regional, promovida pela crítica literária.

Anos mais tarde, após o movimento das vanguardas e as publicações de Mário de Andrade aqui trazidas, em meio ao apogeu da consolidação modernista, buscou-se trazer o regionalismo em uma linha evolutiva, tentando explicar suas origens e sua contribuição na formação da literatura brasileira. Diante disso, Lúcia Miguel-Pereira traz a visão de que o regionalismo, no Brasil, é,

quase sempre, antes uma volta do que uma expansão, um movimento de fora para dentro mais do que um movimento de dentro para fora, nascendo do encontro com formas de vida rudimentares, de espíritos que lhe sentem a sedução precisamente por conhecerem outras mais complexas (MIGUEL-PEREIRA, 1988, p. 177),

sendo que esse panorama proposto por Miguel-Pereira se desvincula do eixo de produção literária, direciona-se ao contraste social promovido por essa evolução da literatura, que será mais aprofundado por Antonio Candido, quando ele traz a sua forma de classificar o regionalismo. Porém, ainda na perspectiva de Miguel-Pereira, é possível perceber que há a presença do social dando seus primeiros passos, em melhor enfoque quando a autora aborda que esse movimento de “fora para dentro” é algo visível na formação da literatura brasileira, a qual não surgiu de forma espontânea, e sim de forma a imitar o outro, quando aponta que

a cultura intelectual, vinda da Europa, atuando em sentido diverso da cultura na acepção dada ao termo pela sociologia, retarda nos escritores o amadurecimento da mentalidade nacional. Daí as anomalias da nossa evolução literária, indo do universalismo clássico para o americanismo romântico, deste para o brasileirismo, e descobrindo tarde o regionalismo, quando, naturalmente, o sentimento local deveria anteceder o nacional, este o continental, que, por sua vez, viria antes do universal (MIGUEL-PEREIRA, 1988, p. 177),

já nos trazendo, nesse panorama, o distanciamento (ou dicotomia) que a crítica fazia entre o universal e o regional. Para os teóricos da época, não havia presença ou diálogo com o universal nas obras regionais, afirmação que, durante as análises realizadas, pôde se constatar que é equívoca, pois em vários momentos foram encontrados elementos que remetem ao

universal, em ambas as obras analisadas. Dois destes momentos foram, respectivamente, a utilização de “paraguayensis” em “Memórias do Coronel Falcão”, em que o autor escolhe, para descrever um elemento próprio ou específico de um local, a língua-mãe dos dois idiomas dos povos colonizadores da região, o Latim, daí vê-se o regional em diálogo universal; o segundo momento, por sua vez, é a escolha dos “campos neutrais” como local onde “As Cartas do Domador” se ambienta, pois é um local híbrido, de culturas em choque constante. Nos dois momentos destacados é justificável o emprego de estrangeirismos.

Compartilhando de um olhar próximo ao de Lúcia Miguel-Pereira, temos Nelson Werneck Sodré. Sob sua ótica, esse tipo de produção literária tem suas origens em contraposição ao sertanismo. Ele afirma que “o regionalismo, que se desenvolve a partir do desencadeamento do largo movimento de ideias que corresponde às transformações operadas no Brasil nos fins do século XIX, difere fundamentalmente do sertanismo com que a escola romântica se ornamentara.” (SODRÉ, 1976, p. 403). Sob seu panorama e tendo por base as considerações realizadas a respeito da linha evolutiva, inicialmente aqui propostas por Miguel-Pereira, ele apresenta, ainda, em sua análise, a visão de Afrânio Coutinho, o qual afirma que “o regionalismo é uma forma de escape do presente para o passado, idealizado pelo sentimento e artificializado pela transposição de um desejo de compensação e representação por assim dizer onírico.” (COUTINHO²³ apud Sodré, 1976, p. 403). Os dois autores pensam a periodização do regionalismo na literatura de igual maneira que Lúcia Miguel-Pereira, porém ao invés de embasarem-se no quesito sociológico-cultural, estes por sua vez utilizam-se da perspectiva histórico-temporal, bem como da contraposição a outros movimentos ocorridos durante a formação (ou firmamento) da literatura brasileira.

Em contraposição a essa visão evolutiva do regionalismo na literatura, temos Antonio Candido, o qual, em seu texto “Literatura e Subdesenvolvimento”, classifica o regionalismo sob uma perspectiva sociológica que, por isso, diferencia-se das demais, pois se preocupa com a presença do “atraso” e com a “falta de desenvolvimento econômico” e o reflexo desses fatores na produção literária, bem como a questão de “dependência”, ainda em voga no momento em que escreveu o referido trabalho. Em um primeiro momento, ele classifica o regionalismo como “exótico”, compreendido entre os decênios de 1870 e 1880. Sobre ele, afirma ser a fase pitoresca, onde assegura haver

uma espécie de seleção de áreas temáticas, uma atração por certas regiões remotas, nas quais se localizam os grupos marcados pelo subdesenvolvimento. Elas podem,

²³ COUTINHO, Afrânio. O Regionalismo na Prosa de Ficção. In: **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: 1955, vol. II, p. 145.

sem dúvida, constituir uma sedução negativa pelo escritor da cidade, pelo seu pitoresco de conseqüências duvidosas (CANDIDO, 1989, p. 160).

Logo em seguida, Candido classifica o regionalismo como “problemático”, onde, nesse momento, este se encontraria em uma fase de pré-consciência, tendo seu auge pelos anos de 1930 e 1940. De acordo com ele, “[esse período] nos interessa mais, por ter sido um precursor da consciência de subdesenvolvimento” (CANDIDO, 1989, p. 161).

Por último, Candido ainda considera uma terceira fase, a qual chama de “super-regionalista”, que teria por características descartar “o sentimento e a retórica; nutrida de elementos não-realistas, como o absurdo, a magia das situações; ou de técnicas antinaturalistas, como o monólogo interior, a visão simultânea, o escorço, a elipse” (p. 161), bem como essa fase

corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo, que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo; naturalismo que foi a estética peculiar a uma época onde triunfava a mentalidade burguesa e correspondia consolidação das nossas literaturas (CANDIDO, 1989, p. 161-2).

Para Candido, o super-regionalismo é uma fase onde os escritores conseguiram atingir o apogeu literário, superando todas as barreiras de produção impostas pelo atraso e pelo subdesenvolvimento, diferenciando-se dos períodos anteriores por haver uma maior presença do letramento na narrativa destes escritores.

Em síntese, a periodização realizada por Antonio Candido diferencia-se das abordagens anteriores pelo fato de seguir pelo viés social, propondo assim uma nova classificação. Porém, mesmo seguindo por outra linha, vê-se na leitura deste teórico um resquício de aversão ao regionalismo, pois, de acordo com ele, os elementos utilizados na composição das obras, tais como a cor local, o pitoresco e as descrições geográficas, bem como o linguajar, constituíam algo que de certa forma descaracterizava o que realmente seria a descrição regional, isto é, a forma como eram colocados esses elementos nas narrativas não conseguia abranger toda a significação que a história necessitava. Por sua vez, contrapondo-se ao que postula Antonio Candido a respeito do conceito de “super-regionalismo”, o qual é usado pelo crítico para classificar obras mais elaboradas, entre elas a de Guimarães Rosa²⁴, Denise Mallmann Vallerius propõe que “sem esse regionalismo *tradicional* não chegaríamos à excelência de tantas obras contemporâneas, como *Grande Sertão: veredas*.” (VALLERIUS, 2010, p. 203) [grifos da autora] e que, para a crítica modernista, é considerado regionalismo apenas o período anterior à década de 1930, quando na verdade este continua presente na literatura, sendo necessário nomeá-lo de outras formas para, então, poder “aceitá-lo”, “seja

²⁴ Ver CANDIDO, 1989, p. 161-162.

como romance de 30, seja como vanguarda experimental, seja como super-regionalismo” (VALLERIUS, 2010, p. 203).

Nesse mesmo movimento de busca por uma origem ao fenômeno regionalismo, foram levantadas outras contestações, sendo estas direcionadas à questão da cor local, do pitoresco e do geografismo²⁵. Primeiramente, foram observados questionamentos vindos da crítica literária Lúcia Miguel-Pereira. Para ela, o regionalista “entende o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence, e na medida em que se desintegra da humanidade” (MIGUEL-PEREIRA, 1988, p. 176). Devido a isso, é “fatalmente levado a conferir às exterioridades – à conduta social, à linguagem etc. – uma importância exclusiva, e a procurar ostensivamente o exótico” (Idem, p. 176). Por essa razão, é possível encontrar várias dessas características, bem como fatos e acontecimentos diferenciados, todos concentrados em uma única personagem. A autora ainda defende que

[...] toda a arte condensa e deforma, mas o regionalismo, pondo nas exterioridades e nas peculiaridades o seu acento tônico, erigindo estas em aspectos habituais e aquelas em manifestações únicas da personalidade, leva tão longe essa condensação que devendo, por sua índole, ser simples e espontâneo, cai frequentemente num artificialismo quase teatral: a língua, os gestos, os sentimentos típicos demais emprestam às figuras aparências de atores. E a narrativa, que devera ser fluente e fácil, torna-se ao contrário uma trabalhosa e trabalhada composição de estilo (MIGUEL-PEREIRA, 1988, p. 176),

e, com isso, ela ressalta que o elemento pitoresco, tão importante para a produção regional, forma um vínculo maior entre o escritor e o seu meio, “ao qual se prenderia não só pela sensibilidade como pela inteligência” (Idem, p. 177).

Outros dois teóricos que levantaram estes questionamentos em torno do regionalismo foram, primeiramente, Afrânio Coutinho, que, de acordo com ele, havia na produção regionalista uma contradição ao supervalorizar a cor local e o pitoresco, pois “procurava encobri-lo, atribuindo-lhe qualidades, sentimentos, valores que não lhe pertencem, mas à cultura que lhe sobrepõe” (COUTINHO²⁶ apud Sodré, 1976, p.403-4). Logo em seguida, temos Nelson Werneck Sodré, o qual defende que a produção regionalista no país é restrita, entrave este que é reflexo das condições sociais deste. De acordo com ele,

a primeira de suas limitações a que [o regionalismo] obedeceu [...] foi a fascinação pelo meio geográfico. Domina-o, todo ou quase todo, um geografismo por vezes delirante, um apego profundo ao pitoresco [...]. A natureza absorve, na ficção regionalista, o papel do homem e este vive em função dela, esmagado pela sua impotência (SODRÉ, 1976, p. 405-6).

²⁵ SODRÉ (1976) utiliza-se desse termo para definir o uso excessivo de remissões a regiões e descrições paisagísticas no processo de composição das obras regionalistas (p. 406).

²⁶ COUTINHO, Afrânio. O Regionalismo na Prosa de Ficção. In: **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: 1955, vol. II, p. 146.

Sodré também aponta para a questão de valorização do elemento popular no regionalismo. Para ele, este artifício ocasionou em uma fusão entre a língua e a temática. Devido a isso, esse tipo de produção, além de revelar “o Brasil aos brasileiros”, “procurou dar à cor local um sentido mais profundo do que o trazido pelo sertanismo” (SODRÉ, 1976, p. 408).

Tendo seu olhar sociológico diante da literatura e do regional, Antonio Candido também faz considerações em torno dos elementos aqui analisados. Inicialmente, ele aborda a questão do atraso direcionada “cópia servil” dos estilos dos países mais adiantados por parte dos países subdesenvolvidos e sua presença na produção destes, o que, na visão do teórico, leva-o a pensar que as formas primárias de regionalismo literário seriam “menos grosseiras”, pois

reduzem os problemas humanos a elemento pitoresco, fazendo da paixão e do sofrimento do homem rural, ou das populações de cor, um equivalente dos mamões e dos abacaxis. Esta atitude pode não apenas equivaler à primeira, mas combinar-se a ela, pois redundando em fornecer a um leitor urbano europeu, ou europeizado artificialmente, a realidade quase turística que lhe agradaria ver na América (CANDIDO, 1989, p. 159).

Vê-se claramente no texto de Candido sua postura crítica perante a utilização de elementos locais por parte dos escritores regionalistas. Dentro deste contexto, o autor chama a atenção para o fato de que o elemento regional, na América Latina,

foi e ainda é força estimulante na literatura. Na fase de consciência de país novo, correspondente à situação de atraso, dá lugar sobretudo ao pitoresco decorativo e funciona como descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao cenário da literatura. Na fase de consciência do subdesenvolvimento, funciona como presciência e depois consciência da crise, motivando o documentário e, com o sentimento de urgência, o empenho político (CANDIDO, 1989, p. 160).

Três dos autores apontados até o momento (Miguel-Pereira, Coutinho e Sodré) nos trazem o modo como eram pensados os elementos regionais pela crítica literária tradicional. O quarto autor, Candido, nos trouxe o regionalismo sob uma abordagem sociológica, diferenciando-se dos teóricos anteriores. Em paralelo com estes autores, trouxe Vallerius, acompanhando em alguns momentos as leituras destes teóricos e apontando equívocos no pensamento dos críticos, a qual, juntamente com Chiappini, compõe a visão contemporânea a respeito deste tipo de produção. Para esta,

estudar o regionalismo hoje nos leva a constatar o seu caráter universal e moderno. Surgindo como reação ao iluminismo e à centralização do Estado-Nação, hoje se reatualiza como reação à chamada globalização. Se, para um pensamento não-dialético, a chamada “aldeia global” suplantou definitivamente a “aldeia” e tudo o que dela fale e por ela se interesse, a dialética nos faz considerar que a questão regional e a defesa das particularidades locais hoje se repõem com força, quanto mais não seja como reação aos riscos da homogeneidade cultural, à destruição da natureza e às dificuldades de vida e trabalho no “paraíso neoliberal” (CHIAPPINI, 1995, p. 156) [grifos da autora].

Esta autora, por sua vez, aponta a primeira contradição que vemos em relação à crítica tradicional, que é a dicotomia entre o regional e o universal. Para a crítica literária dos anos de 1950 a 1970, a qualidade da produção faria tais obras alcançarem uma universalidade. Porém Chiappini discorda desta posição dos teóricos, pois aponta que “é o seu espaço histórico-geográfico, estranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157), complementando com uma crítica bem arquitetada à posição de “beco” proposta primeiramente por Mário de Andrade, afirmando que

naquelas [obras], necessariamente, por menor que seja a região, por mais provinciana que seja a vida nela, haverá grandeza, o espaço se alargará no mundo e o tempo finito na eternidade, porque o beco se transfigurará no belo e o belo se exprimirá no beco (Idem, p. 157).

Mais adiante, no mesmo texto em que se encontra a citação acima, ela aponta que “o importante é ver como o universal se realiza no particular, superando-se como abstração na concretude deste e permitindo a este superar-se como concreto na generalidade daquele. Desse modo, as ‘peculiaridades locais’ alcançam uma existência que as transcende” (CHIAPPINI, 1995, p. 158), quando deste posicionamento da autora pode-se fazer remissão às análises das obras realizadas, pois, em vários momentos, tanto em “Memórias do Coronel Falcão” quanto em “As Cartas do Domador”, encontramos elementos que, ao mesmo tempo em que reforçam a regionalidade da obra, dialogam com o universal. E o mais importante de se ressaltar, no que se refere às obras analisadas, é que boa parte destes elementos são estrangeirismos ou fazem remissão ao estrangeiro. Dois exemplos que trazem esta carga semântica são a utilização da expressão “É a tosa do meu rebanho, o que vale dizer a colheita da minha uva, a apanha do meu café” (p. 21) e da palavra “Cretinário” (p. 57), em “Memórias do Coronel Falcão”, quando, na primeira, se estabelece um vínculo com um momento histórico e, através disso, estabelece um diálogo com o universal, enquanto que, na segunda, faz-se um diálogo direto com o universal, através de uma fusão idiomática com um sufixo originário do latim. Complementando suas considerações, a autora ainda afirma que “espaço fechado e mundo, ao mesmo tempo objetivos e subjetivos, não necessitam perder sua amplitude simbólica” (CHIAPPINI, 1995, p. 158), demonstrando com isso um novo paradigma na visão da crítica literária regionalista.

Novamente é perceptível uma contraposição por parte da autora à postura da crítica tradicional, quando se opõe à perspectiva de “impotência” perante a natureza e ao meio o qual o homem ou a personagem está inserido, quando aponta que

o regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais,

expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso que, somente por meio da arte, poderá entender o diferente como eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo como um mesmo: “homem humano” (CHIAPPINI, 1995, p. 157) [grifos da autora],

onde, com isso, contraria-se a visão de Coutinho e Sodré, autores os quais pensavam no geografismo, como já apontado, unicamente como descrição por vezes exagerada de paisagens, sem pensar no lado “humano”, como bem é trazido pela autora, nem sequer na transcendência a que a própria narrativa expõe o leitor.

Trazidas as considerações de Chiappini a respeito do regionalismo e sua posição perante a crítica literária tradicional, traz-se também Vallerius, a qual parece nos dar um panorama mais amplo diante das questões aqui nesta análise apresentadas. De início, a autora já aponta uma crítica ao pensamento modernista a respeito da formação do regionalismo, quando defende que

devemos procurar entendê-lo [o regionalismo] não como uma tendência anacrônica ou como sinônimo de literatura menor, mas como um fenômeno literário dinâmico que se encontra em constante processo de transformação. Se a crítica literária modernista acusava-o de ser mera literatura de epígonos europeus, cabe perguntarmos que literatura não o era e se seria possível não o ser (VALLERIUS, 2010, p. 203).

Logo em seguida a autora postula uma contestação ao posicionamento que a crítica modernista introduziu e que permanece até os dias atuais, de que se “nega às manifestações contemporâneas o caráter de obras regionalistas”, pois “insiste em opor o local ao universal, o regional à vanguarda” (p. 203). Com isso, ela aponta para a presença dos diversos “-ismos” vanguardistas, os quais realizam uma “releitura da tradição” (p. 204). Descontente com o posicionamento modernista e com essa negação de vínculo com o regional presente nessas produções, ela propõe nomeá-las como “obras de vanguarda”, vendo estas, assim, sob outra ótica. Porém, de acordo com a autora,

tais obras de vanguarda, muitas vezes, nada mais são do que obras regionalistas (dado que trabalham com tema e linguagens locais) transformadas, ou, na visão de Ángel Rama, “transculturadas”, pois revisam, à luz dos novos aportes artísticos, os próprios conteúdos culturais regionais em busca de soluções artísticas que não sejam contrárias à herança (tradição) que devem transmitir. Trata-se de um exame revitalizado das tradições locais que absorvem influxos externos, dissolvendo-os dentro de estruturas artísticas mais amplas (VALLERIUS, 2010, p. 204) [grifos da autora].

Após trazer todos os teóricos acima, concluímos que há de se ter um melhor diálogo entre o regionalismo e a crítica. Como bem foi trazido, ele ainda permanece e se renova, multiplicando-se no imaginário contemporâneo de forma a representar uma identidade, um povo ou mesmo um determinado lugar. Na mesma medida que as relações humanas, sociais e espaciais são mutáveis, assim o regionalismo o é, tomando novas formas e sendo constituído

por toda a gama de características, estas em constante diálogo, contemplando e acompanhando esses elementos e constituindo novos significados, os quais a cada dia se renovam. Finalizamos este trabalho com uma passagem do texto de Jorge Luis Borges, “El Escritor Argentino y la Tradición”, no qual o pensamento sobre “ser argentino” pode ser trazido para o nosso contexto como uma reflexão sobre como “ser regionalista”:

[...] no debemos temer y [...] debemos pensar que nuestro patrimonio es el universo; ensayar todos los temas, y no podemos concretarnos a lo argentino para ser argentinos; porque o ser argentino es una fatalidad, y en ese caso lo seremos de cualquier modo, o ser argentino es una mera afectación, una máscara. Creo que si no abandonamos a ese sueño voluntario que se llama la creación artística, seremos argentinos y seremos, también, buenos o tolerables escritores (BORGES, 1957, p. 162).

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Instinto de Nacionalidade & Outros Ensaios**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Don Amado. In: **BRAVO!**, São Paulo, n. 166, p. 96-8, jun. 2011.
- BORGES, Jorge Luis. El Escritor Argentino y la Tradición. In: **Discusión: Obras Completas**. Buenos Aires: Emecé, 1957. p.151-162.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- CESAR, Guilhermino. **História da Literatura do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1956.
- CHIAPPINI, Lígia. Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 15, 1995. p. 153-159.
- HISTÓRIA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Já Editores, 1998.
- MACHADO, Álvaro Manuel. **O “Francesismo” na Literatura Portuguesa**. Lisboa: MEC / ICLP, 1984. Disponível em <<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/eliterarios/080/bb080.html>>. Acesso em 19 mai. 2011.
- MASINA, Léa. Alcides Maya, Cyro Martins e Sérgio Faraco: Tradição e Representações do Regional na Literatura Gaúcha de Fronteiras. In: CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Pampa e Cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 2004a. p. 97-107.
- _____. Netto Perde a Sua Alma, de Tabajara Ruas: Identidade Fronteiriça e Intervocalidade. In: CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Pampa e Cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 2004b. p. 193-7.
- _____. **Regionalismo Étnico no Rio Grande do Sul: Síntese de uma Proposta Conceitual**. Disponível em <http://www.celpcyro.org.br/v4/Fronteiras_Culturais/Outras%20Fronteiras/OutrasFronteirasRegionalismoEtnico.htm>. Acesso em 30 nov. 2010.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Regionalismo. In: _____. **Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. p. 175-183.
- PINTO, Aureliano de Figueiredo. **Memórias do Coronel Falcão**. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1973.
- RAMA, Ángel. **Transculturación Narrativa en América Latina**. México: Siglo Veintiuno, 1989.
- _____. Aportación Original de una Comarca del Tercer Mundo: Latinoamérica. In: ZEA, Leopoldo (org.). **Fuentes de la Cultura Latino Americana**. México: Fondo de La Cultura Económica, 1993. 3v. p. 59-67.
- RUAS, Tabajara. **As Cartas do Domador**. [s.l.]: [s.ed.], 2006. Disponível em <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1164540-EI6624,00.html>>. Acesso em 28 nov. 2010.
- SARAIVA, Eneile Santos. **O Regionalismo e Suas Faces: Uma Análise de Vidas Secas e Dois Irmãos**. Disponível em

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/7286/4657>>. Acesso em 02 dez. 2010.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas Latino-Americanas**. São Paulo: FAPESP, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. O Regionalismo. In: _____. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1976. p. 403-428.

VALLERIUS, Denise Mallmann. Da Recepção Literária: Aspectos Determinantes de Escolhas Tradutórias. In: _____. **Borges em Nova Tradução: Regionalismo para Além das Fronteiras**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 179-246.